

Tecnologias, mobilidades e educação: entre encontros e (des)encontros

LUCIANA VELLOSO*

Resumo: Este artigo traz algumas reflexões sobre nossas relações humanas e a relação com a educação nesta sociedade “líquido-moderna” (BAUMAN, 2001, 2008, 2009, 2011), discutindo sobre o atual estágio de globalização em que nos encontramos, muito marcado pelo uso de diferentes tipos de tecnologias, sobretudo que se pautam pela ideia de mobilidade. Tais reflexões são muito marcadas por minhas vivências em sala de aula enquanto docente de turmas de graduação em Pedagogia, nas quais pude exibir e discutir o filme “Medianeras: Buenos Aires na era do amor virtual” (2011), que nos possibilitou pensar a fluidez de nossas relações contemporâneas e as implicações deste tipo de interação mais superficial, também se reflete em nossas práticas educacionais, dificultando a criação de vínculos entre docentes e discentes. Indago se muitas das vezes, a mesma tecnologia que poderia ser uma aliada, acaba se tornando a grande vilã nos processos de ensino e aprendizado, dependendo da forma como as utilizamos.

Palavras-chave: Tecnologias na Educação; Vidas Móveis; Ensino e Aprendizado.

Between approaches and separations: technologies, mobilities, and education

Abstract: This article reflects on our human relationships and the relationship with education in this society "liquid-modern" (Bauman 2001, 2008, 2009, 2011), discussing the current globalization stage where we are, very marked by the use of different types of technologies, which are based mainly with the idea of mobility. Such reflections are very marked by my experiences in the classroom while teaching undergraduate classes in pedagogy, in which I could view and discuss the film "Medianeras: Buenos Aires in virtual love was" (2011), which allowed us to think the fluidity of our contemporary relationships and the implications of this type of more superficial interaction is also reflected in our educational practices, hindering the creation of links between teachers and students. Ask if often, the same technology could be an ally, it turns out to be the great villain in teaching and learning processes, depending on how we use it.

Key words: Technologies in Education; Mobile Lives; Teaching and Learning.



* **LUCIANA VELLOSO** é Doutora em Educação no Programa de Pós-Graduação em Educação (Proped/UERJ); Professora Adjunta da Faculdade de Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ).



Tão perto e tão longe...

Algumas palavras iniciais

Não poderia deixar de iniciar este texto falando de minha felicidade por ter tido a oportunidade de estar presente na conferência proferida por uma das mentes mais lúcidas do pensamento social internacional, um octogenário que esbanja sabedoria, tranquilidade e argúcia para tratar de temas dos mais diversos com uma plateia brasileira, interessada em conhecer o polonês conhecido por seu volume imenso de publicações e por sua capacidade de estar o tempo todo se repensando. Trato aqui da conferência de Zygmunt Bauman, proferida no Encontro Internacional “Educação 360”, ocorrido na cidade do Rio de Janeiro. Bauman falou dois dias durante o evento, 11 de setembro de 2015 (em conferência extra, dado o imenso número de inscritos) e no dia 12 de setembro de

2015, quando pude estar presente naquela tarde chuvosa de sábado que tanto conhecimento me proporcionou. Falo aqui não somente com forte tom de admiração por um dos autores que têm sido um de meus referenciais em termos de pesquisa, e que tanto me faz refletir sobre o incessante pensar a sociedade em que vivemos.

A proposta deste texto é, nesse sentido, trazer algumas reflexões sobre nossas relações humanas e a relação com a educação nesta sociedade “líquido-moderna” (BAUMAN, 2001, 2008, 2009, 2011), conceito cunhado pelo próprio autor e que tem sido foco de inúmeros debates e desdobramentos. Apresento algumas discussões teóricas sobre o atual estágio de globalização em que nos encontramos, muito marcado pelo uso de diferentes tipos de tecnologias, sobretudo que se pautam

pela ideia de mobilidade, que será discutida adiante. Tais reflexões são muito marcadas por minhas vivências em sala de aula, algumas das quais também aqui apresentadas. Assisti com uma das turmas o filme “Medianeras: Buenos Aires na era do amor virtual”, que nos possibilitou pensar a fluidez de nossas relações contemporâneas e as implicações deste tipo de interação mais superficial (vivenciada pelos protagonistas do filme até se encontrarem), também se reflete em nossas práticas educacionais, dificultando a criação de vínculos entre docentes e discentes, pois muitas das vezes, a mesma tecnologia que poderia ser uma aliada, acaba se tornando a grande vilã nos processos de ensino e aprendizado, dependendo da forma como as utilizamos, evitando um entusiasmo excessivo e uma atitude de menosprezo pelas possibilidades heurísticas que as mesmas podem propiciar.

O que motiva a seguir indagando

Mais um dia de aula, como de costume, entro cumprimentando a todos e todas. Mais uma um dia de nossa disciplina de Sociologia da Educação para a turma de segundo período. Tradicionalmente, as turmas se reúnem por afinidades e sentam-se em pequenos grupos. Por mais que conversem e interajam entre si, algo começa a me chamar atenção conforme os dias foram passando e fui conhecendo mais a turma: nas mãos de grande parte dos discentes, ao invés dos convencionais cadernos e canetas, vejo celulares e até alguns *tablets*. Quando entro, as atenções se voltam para mim. Começamos a conversar, mas aos poucos, os aparelhos que haviam sido postos de lado, começam a retornar para as mãos, como se numa força quase irresistível que atraísse aqueles/as

jovens¹ para verificar suas redes sociais, trocar mensagens de WhatsApp, responder e-mails e até jogar. Quando propus que fizéssemos o exercício de ficar uma aula inteira sem utilizar os celulares, uma de minhas alunas comentou: “*Professora, nem diz uma coisa dessas, só de pensar, minha mão já começa a tremer*”.

A fala da aluna é emblemática para pensarmos as nossas relações com as tecnologias atualmente. Quantos/as de nós não nos angustiamos com o e-mail que chega e não conseguimos abrir ou com a necessidade de respondê-lo com urgência? Quantos/as não nos “condicionamos” com ruídos de eletrônicos e até sentimos “falta” daquele barulhinho avisando que chegou uma mensagem? E as tantas vezes em que nos preocupamos muito mais em registrar (agora com as tão difundidas *selfies*) os momentos/encontros/eventos do que vivenciá-los e aproveitar as relações face a face? A própria rede social *Facebook* se nos apresenta como um “livro” de faces. Faces que adicionamos ao nosso “livro” como amigos/as. Mas quantos e quantas daquela lista, muitas vezes imensa, de fato conhecemos e sabemos que podemos contar nos mais distintos momentos de nossas vidas?

Tais situações nos fazem rever nossos níveis de uso, acesso e dependência aos recursos tecnológicos, questionando também nossas formas de lidar com os

¹ As turmas do curso em que leciono, o de Pedagogia da Faculdade de Educação da UERJ, são bastante diversificadas. Possuem tanto alunos/as que acabaram de sair do Ensino Médio e ingressaram direto na Universidade, quanto alunos/as que tiveram um percurso de interrupções de estudos, que conciliam trabalho, casa e estudos, são oriundos de localidades bastante distintas do Rio de Janeiro e muitos/as de camadas economicamente menos favorecidas da população.

mesmos. Um dos pontos reside na questão de se estabelecer limites no sentido de se evitar a compulsão. Foram a partir de tais observações de minhas vivências em sala de aula do curso de Pedagogia da UERJ, vista aqui como um verdadeiro microcosmo social, que comecei a me indagar sobre estas nossas relações mediadas por aparelhos, até que ponto liberar o uso, independente de ser com “finalidades didáticas” (por mais que considere este aspecto deveras complexo de se chegar a um consenso) e até que ponto estas telas também não estão nos fazendo cada vez mais deixarmos de nos olhar nos olhos.

John Urry (2007, 2010) tem me auxiliado a pensar sociologicamente como os novos avanços tecnológicos têm imbricado novas maneiras de constituir e organizar identidades, através de vários espaços e tempos. Para tanto, tem consolidado o que denomina “paradigma das mobilidades”, sobretudo em uma de suas obras, publicadas em parceria com Anthony Elliot, intitulado ou “Mobile Lives” (2010), (sem tradução para o português). Ambos discutem um conceito que para esta pesquisa será central, que é o de “capital de rede”, que será desenvolvido adiante e em termos de sua apropriação para a presente pesquisa, como este se traduz de diferentes modos no espaço escolar, universitário e em diversas instâncias da vida social.

Em “Mobile Lives” – como evidencia o título que pode ser expresso pela ideia de “vidas móveis” – Elliot e Urry (2010) se dispõem a analisar a questão das mobilidades em clara interface com a experiência da vida contemporânea. Para tanto, os autores debruçam-se sobre a realidade de diferentes indivíduos a fim de evidenciar a inerência da mobilidade ao contexto

social. Os autores prefaciam o livro destacando seu principal objetivo de estabelecer uma conexão entre a análise sociológica de diferentes formas de viagem, transporte, turismo e comunicação com as múltiplas e novas maneiras que as identidades são constituídas e organizadas através de vários espaços e no decorrer do tempo.

Apropriando-se de Pierre Bourdieu, Urry (2007) e seu Paradigma da Mobilidade nos sugere refletir sobre novas dinâmicas sociais e na forma como mudanças de cenário afetam as interações com o ambiente em que se vive em uma sociedade cada vez mais “enredada”, aqueles/as que dispõem deste acesso acabam por se destacar diante dos/as demais. Para além dos capitais econômico, cultural, social e simbólico, o autor incluiu o capital de rede. Envolve capacidade de movimento em diversos ambientes, incluindo a habilidade, competência e interesse em usar telefones celulares, SMS, e-mail, internet, Skype etc.; acesso amplo a informações e contatos; equipamentos de comunicação, dentre outros.

Em linhas gerais, capital de rede refere-se à capacidade de engendrar e manter relações sociais com pessoas que não estão necessariamente próximas e que podem gerar benefícios emocionais, financeiros e práticos. É necessário frisar que as mobilidades em si não significam nada, a questão mais determinante é a capacidade do indivíduo de usá-las em prol de si mesmo e daqueles que pretende beneficiar.

De acordo com Di Felice (2014), a Internet é a quarta inovação tecnológico-comunicativa, seguida pela banda larga, pela Web 2.0 e atualmente já caminhando para a Web semântica.

As inovações precedentes foram, no entendimento do autor, verdadeiras revoluções, como a passagem da oralidade para a escrita, a tipografia no século XV, com a invenção de Gutemberg e a eletricidade que trouxe consigo a mídia de massa (TV, cinema, imprensa, etc.).

Na lógica das redes, os outrora tão valorizados esquemas de divulgação dirigidos do centro para a periferia vão sendo reconfigurados de modo a criar ecossistemas reticulares de diálogo. Com isto, é possível criar um processo de colaboração com outros atores, processos de distribuição e consumo. Autores como Clay Shirky (2011) têm trazido importantes contribuições para avaliarmos as técnicas de produção, valor e distribuição dos mercados digitais. Ligados às tecnologias, os atores podem criar seus produtos, gerando consequências invariavelmente imprevisíveis. Em sua obra “A cultura da participação”, Shirky (2011) percebe que as novas tecnologias e redes sociais na internet criaram o que denomina “excedente cognitivo”, que permite que indivíduos até então isolados possam se unir para produzir, compartilhar e consumir informações.

Nesse sentido, ações coletivas têm saído das redes e alcançado maiores proporções através de planejamentos colaborativos que se iniciam nos meios digitais. Para o autor, a questão não é se devemos nos inserir ou não em tais mudanças, que já estão postas. Mas sim a de tentarmos reconhecer que mudanças são estas, mapeando novos comportamentos e aprendendo a lidar com eles.

Como avalia Castells (2003) em “A galáxia da internet”, podemos considerar que, utilizando a metáfora da “galáxia”, a Internet é vista cada vez

mais como o tecido de nossas vidas, tornando-se a base tecnológica para a forma organizacional da Era da Informação: a rede. O autor define rede como um conjunto de nós interconectados e embora a formação de redes seja uma prática humana antiga, estas têm ganhado vida nova em nosso tempo, “transformando-se em redes de informação energizadas pela Internet” (CASTELLS, 2003, p.7)

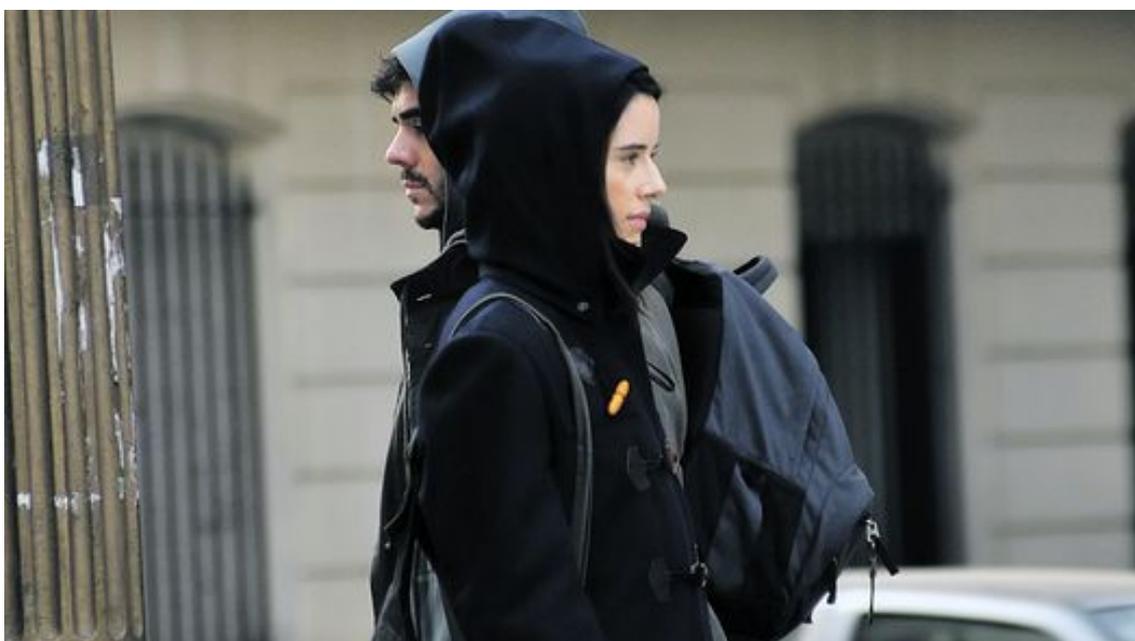
A impressão que temos é a de que todo o planeta está conectado. Existem sete bilhões de números de telefones celulares no mundo e 50% da população adulta do planeta tem um smartphone. O percentual será de 75% em 2020. Consequentemente, a rede é uma realidade generalizada para a vida cotidiana, as empresas, o trabalho, a cultura, a política e os meios de comunicação. Entramos plenamente numa sociedade digital (não o futuro, mas o presente) e teremos que reexaminar tudo o que sabíamos sobre a sociedade industrial, porque estamos em outro contexto.

Também Bauman indica que é o grau de mobilidade, ou seja, é a liberdade para escolher onde estar, que estratifica seus membros (BAUMAN, 1999, p. 94). Isso equivale a afirmar que apesar da evolução tecnológica – seja no âmbito do transporte ou da informação –, a mobilidade física reflete e reforça as desigualdades sociais. Com a evolução dos meios de transporte e de comunicação tornou possível a conexão com qualquer parte do mundo. No entanto, o uso das diferentes tecnologias apresentam limites na medida em que ao mesmo tempo em que ela viabiliza a interação de pessoas instaladas nos mais diversos lugares do mundo, ela compromete os relacionamentos locais; ao mesmo tempo em que é possível ter contato com um número maior de

peças, menos tempo é direcionado a cada uma, favorecendo a quantidade em detrimento da qualidade dos relacionamentos, favorecendo a frequência em detrimento da profundidade.

Discutindo o que denomina “vida líquida” ou “modernidade líquida”, Bauman (2009) nos a condição de incertezas constantes sobre as quais vivemos. Com isto, é uma vida precária no sentido de parecemos não ter em que confiar, por ser uma vida sucedida de reinícios. Muito mais preocupados com

os recomeços, nossas preocupações enfatizam o conhecer outra pessoa, depois esquecer, apagar, desistir e substituir. Parece simples? Talvez em função do fato de serem ligações já eminentemente frouxas, cujo lema “ligar-se ligeiramente” acaba se tornando uma ordem, na qual “propriedades, situações e pessoas continuarão deslizando e desaparecendo a uma velocidade surpreendente” (p.12). O deixa-las ir torna-se um imperativo e assim o fazemos... pois velocidade, não duração é o que mais importa.



Filme “Medianeras: Martin e Mariana se cruzam pelas ruas diversas, diversas vezes – e não se vêem.
Fonte: <http://50anosdefilmes.com.br/2012/medianeras-buenos-aires-na-era-do-amor-virtual-medianeras/> (Acessado em 06/11/2015)

Sobre “Medianeras” e mediações

Diante da percepção do uso intensivo dos celulares que eu percebia por parte de uma de minhas turmas e das demais turmas para as quais lecionava, resolvi exibir o filme “Medianeras - Buenos Aires na Era do amor virtual”, o que nos dizeres de alunos e alunas, ao final do filme, não era um filme excepcional. Diziam que “*não acontecia nada, não*

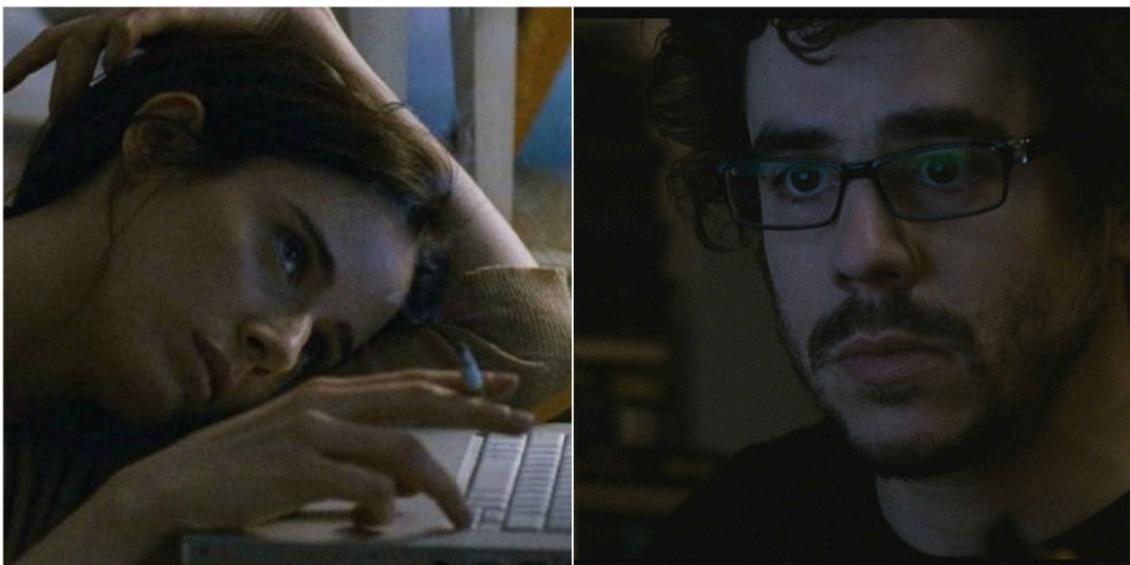
tinha ação”, que “*era só um rapaz e uma moça que moravam perto, viviam suas vidas em uma grande cidade, tinham interesses em comum, mas nunca se encontravam*”. Pois estimulados/as a refletirem sobre este “*não acontecer nada*” ao qual se referiram e pensando nas suas vidas, instiguei a turma a pensar sobre como eram os relacionamentos de ambos

nesta grande cidade, suas interações, a presença das tecnologias, sobretudo na vida de Martin (que além de trabalhar no computador, também realizava grande parte de suas ações através do mesmo: compras, pagamentos, sexo virtual, entretenimento...) tudo evitando ao máximo sair de casa. Ele não precisava, ele tinha o mundo diante de seus olhos, com alguns cliques acessava o mundo.

Martin e Mariana. Duas vidas e dois mundos divididos na mesma cidade. Uma parede. Uma tela. Lado a lado, viam-se sem se ver. Cruzavam-se sem se notar. Uma parede os dividia. Uma tela os uniu. Com estas breves reflexões iniciais, começamos indagando sobre nossas relações e os vínculos que estabelecemos ou deixamos de estabelecer cotidianamente. Em “Medianeras – Buenos Aires na Era do

amor virtual” (2011), dirigido por Gustavo Taretto, temos o desvelar diante de nós uma série de situações com as quais podemos com facilidade nos identificar.

Os jovens protagonistas nos apresentam suas solidões e seus mundos, dentro de um Universo que são as grandes cidades. Ambos possuem seus problemas, crises, neuroses e lidam com estas muitas vezes de forma distinta, muitas vezes de forma análoga. São vizinhos, vivem no mesmo prédio, uma parede os separa. Vivem se cruzando nas ruas, no interior do prédio, mas não se falam. Seguem cada qual vivendo sua vida em uma cidade grande como Buenos Aires, que é o pano de fundo desta narrativa que fala deste ser solitário no meio da multidão, ao qual Bauman (2011) se referia.



O rapaz, um neurótico desenvolvedor de sites, ela, uma arquiteta frustrada. Aliás, a internet e a arquitetura são algumas das linguagens bem traduzidas e representadas em Medianeras. Sem querer, a cidade os afasta e a tecnologia os une.

Fonte: <http://www.trilhosurbanos.com/2013/12/medianeras-cinema-argentino-alem-de-darin/> (Acessado em 06/11/2015)

Temos nossas tribos, nossas aldeias muito facilitadas pela interatividade de novas matrizes comunicacionais como diria Maffesoli (2010) que se unem em função de determinada atividade, mas não conseguimos estabelecer laços. Tal situação fica explícita na película em questão ao percebermos como Martin se aproxima da jovem com interesses por cães (que conhece pela Internet) e Mariana ao se aproximar do rapaz do trabalho e o da natação. Desse modo, ambos são sim solitários, mas concordando com os dizeres de Maffesoli, não vivem isolados. Anúncios informáticos facilitam as aproximações, embora não sejam as únicas formas através das quais se dêem.

A duração do tempo que envolve o grupo tem durações variáveis, de acordo com o grau de investimento de seus protagonistas. Isto implica pensarmos novas formas de “socialidade que envolvem uma participação diferenciada e aberta. Isto se tornou possível graças à rapidez do circuito oferta-procura, inerente ao procedimento informático” (MAFFESOLI, 2010, p.225).

Em uma sociedade de massas e grandes cidades como as nossas, vão surgindo certos localismos, pequenos grupos, ancorados na emergência das redes. Tais localismos associados à lógica das identificações, fazem com que tanto possamos nos unir em micro redes e grupos de afinidades próximos a nós, quanto (e isto se dá com cada vez mais frequência) a tribos com as quais nos identificamos por meio de interesses em comum percebidos por intermédio dos meios virtuais.

A fixação de Martin por jogos, computadores e miniaturas de personagens de desenhos e filmes é

análoga a de Mariana com o livro “Onde está Wally”, que possui desde quatorze anos de idade e considera, “*com o perdão dos grandes escritores, o livro de sua vida*”. Em determinada cena, Mariana deita-se no chão. Seu apartamento não possui locais para sentar, ela vive em meio a caixas e os manequins com os quais trabalha, diferentemente de Martin, que invariavelmente aparece sentado diante do computador e investe em uma cadeira nova e mais macia. Observando o livro, Mariana alega ser a origem de sua fobia por multidões, que criara nela uma “*angústia existencial bem particular. Ele representa de uma maneira dramática a angústia de saber que é alguém perdido entre milhões*”. Durante todos estes anos, a protagonista se desola por ter ficado por resolver um único enigma do livro: encontrar Wally na cidade. Ela havia encontrando-o em todos os locais, exceto, paradoxalmente e em alusão ao efeito das multidões sugerido pela narrativa fílmica, no meio da cidade, onde ele parecia estar ao mesmo tempo tão perto, mas para Mariana que o procurava incessantemente no livro, tão longe. Ela então se indaga: “*Se mesmo sabendo quem procuro, não consigo achar, como vou achar quem eu procuro se nem sei como é?*”.

As vidas de ambos seguem, mantendo relações superficiais e pouco interessantes, de ambos os lados. Sem saber, assistem aos mesmos filmes e choram, ouvem e cantam as mesmas músicas, parecem sofrer com decepções semelhantes de sentirem-se sós em uma cidade tão grande e cheia de interações por todos os lados.

Mariana parece nos conduzir ao momento ápice do filme, quando finalmente os protagonistas depois de várias idas e vindas, se encontram em uma sala de

bate-papo na Internet. Mariana parece apenas entrar na Internet para distrair-se de mais uma desilusão amorosa, numa tentativa de “encobrir o vazio, e, portanto, reduzir seu efeito mais deletério; pelo menos a dor podia ser aliviada” (BAUMAN, 2011, p.15).

Martin era a representação do que, especialista que era neste tipo de interação virtual, encontrava nas redes o melhor dos mundos, pois podia evitar as interações face a face com as quais parecia sentir-se pouco à vontade ou infeliz (exemplo de sua dificuldade em dialogar com a acompanhante de cães, em um de seus relacionamentos fugazes), mas sem abrir mão da companhia humana.

A conversa se inicia e Martin guia Mariana, que ameaça desconectar-se várias vezes, mas é “fiscada” pela insistência de Martin, que só consegue capturar seu interesse quando revela de fato como havia sido seu dia. Um dia bem comum, entremeado de comprimidos e tentativas frustradas de iniciar um esporte. Mariana diz estar tentando lidar com a solidão, algo que Martin se diz especialista. Quando parecem estar engatando a conversa, numa promessa de que Mariana acordaria Martin todos os dias para estimulá-lo a nadar, ele lhe pede seu telefone e a luz cai no exato momento.

Novamente se afastam, novamente se aproximam na loja de velas, sem se verem no meio da escuridão. Escuridão que também os impedia de olharem-se pela mesma multidão que sempre os envolvia nas ruas da cidade. Mesmo durante o dia, nunca se viam, pareciam andar sempre às escuras, numa bela metáfora do que parecem nossas relações uns com os outros. E novamente, aquele pequeno vínculo que ia se tecendo naquela conversa virtual,

se desfaz e no dia seguinte, ambos retomam suas rotinas. Fora apenas mais uma “relação de bolso”, encarnação da disponibilidade e da instantaneidade, que não demandaria muitos esforços de ambas as partes, que se utiliza e depois se pode voltar a guardar (BAUMAN, 2004).

A indagação que nos fica é se assim como Martin e Mariana, não estamos também buscando evitar relações duradouras, desejando muito mais que estas sejam leves e frouxas. Bauman (2004) fornece pistas indicando que cada vez mais utilizamos expressões como “conectar-se” ao invés de “relacionar-se”, falar em “redes” ao invés de “parceiros”. Redes que servem para conectar e desconectar, podendo ser rompidas de modos muito mais simples do que um relacionamento duradouro poderia pressupor.

Refletindo entre o *online* e o *offline*

Neste ponto, estabelecemos um paralelo entre o filme “Medianeras” e nossas relações com os discentes em sala de aula e fora dela. Aliás, se temos acesso a redes sociais e adicionamos alunos e alunas nelas, usualmente ficamos sabendo mais sobre aquelas tantas vidas através de telas do que pelo nosso contato cotidiano. Costumamos ter turmas com um quantitativo de discentes maior do que o que gostaríamos para estabelecer um contato mais próximo, uma conversa mais prolongada, ou até mesmo perguntar sobre motivos de muitas faltas seguidas. Pouco tempo de aula para tantas vidas. Os minutos passam, passamos por alunas e alunos nos corredores, acenamos e sorrimos, mas será que de fato conhecemos estes seres humanos que se aferram a seus *gadgets*, que se escondem por detrás das telas de seus celulares e parecem viver em um mundo

à parte, estando ao nosso lado e ao mesmo tempo, tão distantes.

Este mesmo tipo de relação mais distanciada acaba se reproduzindo, pois somos tão cobrados de todos os lados, que mal temos tempo para olhar e ouvir com mais dedicação as demandas de nossos discentes. Nesse sentido, Cortella (2014) enfatiza que a tecnologia em si não representa mudanças de mentalidades, mas o que irá surgir enquanto elementos diferenciadores são as atitudes e concepções pedagógicas de quem as usa. Na visão do autor, “os processos educativos não devem se adaptar às inovações, mas integrar novas formas ao seu cotidiano. Adaptar é postura passiva, enquanto integrar pressupõe metas de convergência” (CORTELLA, 2014, p.53). As tecnologias mais recentes podem fazer parte do trabalho pedagógico escolar, desde que estejam claros para a comunidade.

Em “44 cartas do mundo líquido-moderno”, Bauman (2011) discute, em um de seus textos, a ambigüidade do estar sozinho no meio da multidão, citando o exemplo da jovem que havia enviado uma quantidade exagerada de mensagens durante o mês, o que o leva a entender que provavelmente a mesma pouco ou nenhum tempo se dedicara a fazer algo sem ter que compartilhar, mesmo que virtualmente, com alguém. Em outras palavras, talvez ela nunca tenha aprendido a “arte” de rir, chorar, pensar e fazer algo na companhia de si mesma.

Cada vez com mais intensidade crianças, jovens e adultos têm se tornado viciados em redes como Facebook e MySpace, utilizando minutos intermináveis de seus dias em conversas e bate-papos. Ocorrem verdadeiras crises de abstinência

quando por alguma razão (vírus, pais, professores...) bloqueia o acesso deste grupo à Internet ou bloqueia seus celulares. Tal reflexão corrobora com a angústia da aluna que dizia “sentir tremor” só de pensar em ficar sem seu aparelho de celular.

Contudo, antes de culpabilizarmos as tecnologias informáticas por criarem uma situação de conexão/isolamento, há que se destacar que o temor da solidão, que aparentemente parece se resolver com alguns cliques, não é uma situação que tenha sido criada pela proliferação dos eletrônicos. Eles correspondem a uma necessidade que não criaram, mas que podem ter acentuado por se tornarem mais acessíveis. Necessidade de preencher os vazios não com pensamentos e interações humanas, mas com estímulos visuais e auditivos.

Ainda seguindo as pistas de Bauman (2011), a Internet parece encobrir ou esquecer provisoriamente os vazios e as dores do dia a dia. As antigas portas de madeira foram sendo substituídas por telas (analógicas ou digitais, mas sempre virtuais), proporcionando a pessoas que buscavam escapar da solidão uma nova forma de companhia humana, sem exigir os contatos e habilidades requeridas por uma interação face a face. Com isso indagamos retornamos à questões postas no começo do texto, sobre como ficam nossas relações “face a face” diante de um cenário permeado por tantas e diversificadas tecnologias a nosso dispor?

Considerações finais ou as faces para além das telas

A partir das observações e do contato direto com os sujeitos que fazem parte das salas de aula por onde passo, este texto buscou contribuir para a discussão sobre para novas formas de se pensar novas formas de socialização, a integração das tecnologias móveis nas vidas de nossos discentes, levando em conta que cada vez mais, no momento em que vivemos, as novas redes de comunicação têm sido fundamentais nos processos de globalização. Contudo, há que se atentar para as diferentes formas através das quais os tempos se organizam, pois a questão da temporalidade é central ao constatarmos que o tempo da globalização, de comunicação em tempo real, nos dizeres de David Harvey (2010) de “compressão do espaço-tempo” (p.257), não é ainda o mesmo tempo que vigora nas instituições escolares. Um tempo cronometrado, mensurado, controlado e avaliado em termos de produtividade.

Sibilia (2012), em seu ensaio que inicia a obra “Redes ou paredes”, começa indagando: “para que serve a escola?”. A autora já indica a dificuldade de se responder tal indagação no contexto do século XXI. A despeito das análises feitas por diversos “especialistas” da tradição pedagógica sobre as vantagens e desvantagens de tal instituição, entende que sua análise parte justamente de um terreno que “costuma ser considerado muito distante dos rituais escolares, quase seu antagonista: o dos meios de comunicação” (SIBILIA, 2012, p.9). A autora constata a existência de um desajuste entre os discentes – que são conhecidos como nativos digitais – e o colégio, havendo então um choque quando se tenta fundir em um só lugar o universo escolar e o midiático. Tenta-se resolver este

conflito através de modos que se supõem inovadores, mas que mesclam sentidos advindos de uma maquinaria escolar, ainda devedora de uma organização datada do século XIX, refratária a toda esta cultura audiovisual que vai se difundindo.

Para então lidarmos com a aparente sensação de niilismo radical que parece triunfar em nossas sociedades, anunciado por Baudrillard (1981), vale apostar na conjugação de alguns projetos que ficam expressos quando se investe na formação de um *agente dialogal*, numa perspectiva tomada de empréstimo de Habermas (1990, 1988, 1987), ao mesmo tempo em que se lida com o *homo aestheticus tribal*, com base nos insights de Maffesoli (1985). Se para Habermas não existe possibilidade emancipatória sem a vivacidade de uma fala livre e plural e para Maffesoli não se pode renegar a força subterrânea dos instintos, dos afetos, do imaginário e dos afetos, eis o desafio que se nos coloca: exercitar a dupla habilidade de saber lidar com alunos nunca tão submetidos à orgia cotidiana e cheios de intensidade primitiva; e promover interação comunicativa entre as fronteiras que marcam a pluralidade de modos de vida e comportamento em nosso tempo.

Tanto nas escolas quanto nas Universidades, ideias de padronização, distanciamento e rigidez permanecem ainda muito arraigadas em nossos modos de agir e nos relacionar com as turmas. A dificuldade ainda reside em como encontrarmos um meio termo para, nem abrir mão dos benefícios trazidos pelas redes digitais, nem abrir mão do contato físico. Diante destes desafios, retomo Bauman (2015) em sua fala durante a conferência Educação 360, que afirma não ser possível voltar à situação em que o professor era o único

conhecedor, a única fonte, o único guia. Ele vai mais além afirmando que não há como conceber a sociedade do futuro sem tecnologia. Então, se não podemos vencê-la, é importante nos unirmos à ela. Nesse sentido, algumas características requerem seu desenvolvimento no contexto atual, de modo a construir conhecimento e não só agregá-lo: paciência, atenção e a habilidade de ocupar esse local estável, sólido, no mundo que está em constante movimento.

A capacidade de manter o foco em neste movimento incessante. E por mais que os obstáculos apareçam, é possível. Exemplo disto surge ao final do filme “Medianeras”, pois se não fosse o foco de Mariana, entretida em seu livro “Onde está Wally”, procurando-o justamente na cidade, ela não teria finalmente encontrado Martin (ironicamente caracterizado como o Wally do livro e visto por ela quando olhava pela janela de seu prédio) e saindo do virtual para o mundo real, das folhas do livro para o chão das ruas da cidade. Quando se encontram fisicamente, somente ao final de toda a película, é como se já se conhecessem a tempos. Apenas sorriem em uma aparente cumplicidade. A multidão parecia se desvanecer e apenas os dois olhares importavam. Apenas o momento bastava.

Ao final, após o encontro e a aparente criação de um vínculo, ambos conciliam as duas esferas ao gravar um vídeo juntos, provando que as tecnologias têm esta paradoxal capacidade de nos manter sozinhos na multidão e de propiciar encontros nos momentos menos esperados. Não percamos o foco e encontraremos nossos tantos “Wallys” que se espalham em nossas salas de aula. São muitos e estão nos aguardando para ajudar a rever relações de ensino e

aprendizado que não cabem mais em um mundo que cabe na palma da mão, basta apenas que liguem seus celulares.

Os/as alunos/as para os quais leciono e que puderam assistir “Medianeras”, identificaram muito das situações apresentadas como semelhantes às que vivenciamos cotidianamente, seguem com seus celulares e computadores. Nossas relações e interações se entremeiam entre o uso de tais recursos e momentos mais face a face, nos quais são convidados/as a se colocarem verbalmente, o que para alguns ainda é um dilema. Mas seguimos e encontrar este meio termo, percebendo que há outro mundo para além de teclas e telas.

Referências

- BAUDRILLARD, Jean. **Simulacres et simulation**. Paris: Galilée, 1981.
- BAUMAN, Zygmunt. **Globalização: as consequências humanas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.
- _____. **44 cartas do mundo líquido moderno**. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.
- _____. **Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos**. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.
- _____. **Vida Líquida**. 2.ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.
- _____. **Vida para consumo: a transformação das pessoas em mercadorias**. 2.ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.
- _____. **Vidas desperdiçadas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- CASTELLS, Manuel. **A sociedade em Rede**. Volume I. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1999.
- _____. **A galáxia da Internet: reflexões sobre a Internet, os negócios e a sociedade**. Rio de Janeiro, Zahar, 2003.
- _____. **Fim de Milênio**. Volume III. 6. Reimpressão. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2012.
- _____. **O poder da identidade**. Volume II. 6.ed. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2008.

CORTELLA, Mario Sergio. **Educação, escola e docência:** novos tempos, novas atitudes. São Paulo: Cortez, 2014.

ELLIOTT, A.; URRY, J. **Mobile Lives.** London: Routledge, 2010.

HABERMAS, Jürgen. **O discurso filosófico da modernidade.** Trad. Ana M. Bernardo. Lisboa: Dom Quixote, 1990.

_____. Comunicação e razão: entrevista com Habermas. **Crítica**, Lisboa, n.3, abr. 1988.

_____. **Teoria de la acción comunicativa**, 2 v., Madrid: Taurus, 1987.

HARVEY, David. **A condição pós-moderna:** uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural. 19.ed. São Paulo: Edições Loyola, 2010.

LEMOS, André. **Cibercultura: tecnologia e vida social na cultura contemporânea.** 7.ed. Porto Alegre: Sulina, 2015.

LEMOS, Ronaldo ; DI FELICE, Massimo. **A vida em rede.** Campinas, SP: Papyrus 7 Mares, 2014.

LEMOS, Ronaldo. **Futuros possíveis:** mídia, cultura, sociedade, direitos. Porto Alegre: Sulina, 2012.

MAFFESOLI, M. **A sombra de Dionísio:** contribuição a uma sociedade da orgia. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

_____. **A Transfiguração do Político:** a tribalização do mundo, Porto Alegre: Sulina, 1997.

_____. **O tempo das tribos:** o declínio do individualismo nas sociedades de massa. 4.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

_____. **Sobre o Nomadismo:** vagabundagens pós-modernas, Rio de Janeiro: Record, 2001.

SHIRKY, Clay. **A cultura da participação:** criatividade e generosidade no mundo conectado. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

_____. **Lá vem todo mundo:** o poder de organizar sem organizações. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

SIBILA, Paula. **Redes ou paredes:** a escola em tempos de dispersão. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012.

URRY, J. **Mobilities.** Cambridge: Polity Press, 2007.

Recebido em 2015-11-07
Publicado em 2015-11-14